

Recorte!

Talita Guimarães

Recorte!



Rio de Janeiro
2015



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Recorte!

Copyright © 2015, *Talita Guimarães*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Foto de Capa:

Talita Guimarães

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G976r

Guimarães, Talita
Recorte! / Talita Guimarães - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2015.
168. il.; 21cm
Inclui índice

ISBN 978-85-8225-093-8

1. Poesia brasileira. I. Título

16-29613

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

06/01/2016

06/01/2016

Para tio Serginho (in memoriam)

Sumário

Prefácio.....	11
Apresentação	15
Do Caderno Vermelho de Recortes (2010 a 2013).....	19
Parte I – Recorta-me! (Breves narrativas)	21
Ali já é o céu?.....	21
A infância é leve.....	21
Ofertas de fé.....	22
Peixe fora d'água.....	22
O fio que leva ao céu.....	23
O copinho.....	24
Bandeira.....	24
Da luz dos olhos [de dentro].....	25
Quando a folha em branco não te evocar o que escrever, faça uma dobradura com o papel.....	26
Do balãozinho.....	27
A vida é, entre tantas outras coisas, frágil.....	27
Parte II – Recortes em prosa (Crônicas).....	29
A encantadora de balões.....	29
A vida e o encanto que dão sentido a tudo.....	31
Mas, e o equilíbrio?.....	31
Bicicletas transportam sonhos. E lembranças.....	32
Da arte de contar pés de flor.....	33
Da gente que tem memória para lembranças sutis.....	34
Dos sonhos de infância.....	34
Seu Moço.....	44
Passeio pela lembrança de um lugar.....	46
Coincidências.....	48
Do que aprendi com amigos e ipês.....	49
Da expectativa mais doce (ou crônica de quando um bebê está a caminho).....	52
Hospedar é também como viajar.....	55
Fabinho.....	55
Remoto controle.....	57
Da matéria invisível.....	60
A caneta.....	61

Um ipê que caiba no meu jardim.....	65
Janela.....	68
Eu nunca quis o miolo da vida.....	69
Manifesto da sobriedade (ou exercício de sobriedade).....	72
A paz de cada dia.....	75
Parte III – Recortes em versos e pensamentos.....	77
Resolução I.....	77
Recortes.....	77
Nenhuma carta para ninguém.....	77
Das peças.....	78
Das pessoas.....	78
Das perdas secretas.....	78
Roteiro pintado.....	79
Porque fechei a janela.....	79
Por que contar e recontar martírios.....	80
Do descompasso.....	80
Parte IV – Os não-recortes.....	81
O não-recorte.....	81
O avesso do recorte.....	81
Um tempo de não-recortes.....	81
Do vestígio.....	83
Pras dúvidas, um lugar.....	83

Do Caderno Amarelo de Recortes (2014).....85

Um recorte puxa o outro.....	87
Parte I – Recorta-me! (Breves narrativas).....	92
Aqui não mora criança.....	92
Ideal.....	92
Ternurinhas.....	92
O copinho II.....	93
Retornar ao sentido de antes.....	94
Um sentir fugaz de coisa inacabada.....	94
Na ladeira.....	95
Da janela lateral.....	96
Parte II – Recortes em prosa (Crônicas).....	98
Alma.....	98
Da inversão das possibilidades.....	98
O gato.....	99

Sobre quando não é pra entender	100
Casas iluminadas vazias de futuro.....	102
Energia do mundo	104
A cada viagem, uma viagem.....	105
Logradouro 475.....	106
Recorte carioca	110
Gaveta	111
A vantagem de ser invisível	112
As coisas pequeninas são tão belas	115
Cicatriz	117
Quando mirei em John Lennon e acertei Raul Seixas.....	118
O filme da vida.....	120
O que te sustenta?.....	123
Dia dos pais.....	123
Crença	126
Estimação.....	129
Jônatas quer ser escritor.....	130
Recorte com tudo dentro.....	132
Asa branca.....	136
Memória literária	138
Quando fiquei parada vendo Mia Couto passar	142
Aos colegas de escola, com carinho.....	145
Parte III – Recortes literários (Contos)	150
Era uma vez um laço... ..	150
Um conto solreal	151
Elder	157
Parte IV – Recortes em versos e pensamentos.....	160
Sobressalto	160
A vida	160
Intervalo	160
Lugar.....	160
Plantei flores de ipês nos olhos das meninas.....	160
Parte V – Os não-recortes.....	162
Ser ou não ser quem se é: eis a questão	162
Quem se é, onde se está, quando se está.....	162
Nocência.....	162
No fim da rua.....	163
Recorte, a experiência.....	165

Prefácio

“Sofia entendeu que o filósofo tinha razão. Os adultos achavam o mundo uma coisa evidente. Dormiam para sempre o sono encantado do cotidiano.”

(O Mundo de Sofia, Jostein Gaarder)

Pode parecer inusitado começar um prefácio citando outro livro, mas conhecer o início de *O Mundo de Sofia* é interessante para entender o “mundo” de Talita que encontramos em *Recorte!*. Sofia Amundsen é uma garota norueguesa que está as vésperas de completar 15 anos e começa a receber correspondências com um curso de filosofia que abre seus olhos para enxergar como o mundo ao seu redor é extraordinário. O autor, Jostein Gaarder usa uma metáfora interessante para iniciar Sofia no pensamento filosófico. O nascimento do mundo é apresentado como o ato de tirar um coelho da cartola do universo. Quando nascemos, nos encontramos na ponta dos pelos do coelho e contemplamos com entusiasmo o quão surpreendente e extraordinário é a vida. Quanto mais adultos nos tornamos, mais nos embrenhamos na pelagem e nos afastamos do topo. Nos acomodamos no “sono encantado do cotidiano”, sempre preocupados demais com nossas coisas “importantes” de gente grande, perdemos a capacidade de se surpreender.

Voltar a esse estado infantil de surpresa é um ato de coragem imensurável. Ler *Recorte!* foi como impulso para voltar ao topo do pelo do coelho e se deparar com o exterior da cartola: que mundo cheio de cor! E cheiros, sensações. E vida! Tanta vida a viver e sentir e não enxergamos escondidos na rotina.

“*Vim te mostrar que a vida é linda!*”

Recorta-me!”

O primeiro contato com *Recorte!* foi dentro do trem, linha 9 Esmeralda da CPTM, São Paulo, SP. Horário de pico, aperto e empurra empurra. A mão do *smartphone* livre (a outra tateava algum espaço para se segurar com firmeza), encontrei e abri o *e-mail* que havia recebido mais cedo. A mensagem – primeira de uma série que persiste até hoje – vinha acompanhada da minha surpresa ao receber um convite de tamanha boniteza, e o barulho de “Estação Granja Julieta” foi trilha sonora do momento de coração quente. É necessário dizer que fazia 11°C lá fora. São Paulo congelava e o céu cinza da minha selva de pedras ganhou tons vibrantes de sol forte, sol de São Luís do Maranhão que fui, e agora você é, convidado a conhecer.

Talita Guimarães é uma observadora perspicaz. Por causa do seu blog “Ensaio em Foco”, brincava que a considerava minha “amiga platônica” (expressão carinhosa e descaradamente roubada do Gregório Duvivier em relação ao Antonio Prata). Com *Recorte!* esse laço se consolidou e é fácil entender o porquê. Ao ler o livro, você será convidado a ver o mundo pelos “olhos-janela” de Talita. A ludovicense é uma jornalista do essencial, não reporta *lead*, mas o instante fugaz em que o trivial se torna crucial. Ou quando a intensidade da vida te acerta com tal violência e (ou) doçura, que a única saída é correr para o papel.

O fato é que nossa vida é composta desses fragmentos triviais e maravilhosos, banais e sublimes, que coletados, melhor recortados, formam uma vida toda. Talvez feliz, mas, sobretudo bela. Porque é quando as cores se desbotam que descobrimos que o cinza (dos momentos mais escuros ou do céu da minha cidade) também é uma cor.

Como jornalista, escritora e observadora, Talita é inconformada. Seja na lembrança constante da infância ou na delicada

ânsia pela velhice (o júbilo ao encontrar o primeiro cabelo branco!), Talita não se enquadra no “ser adulto”, no que ela chama de “miolo da vida”, e portanto está no topo da pelagem do coelho. Seu olhar preciso traz a perspectiva daqueles que se arriscam a deixar a superfície.

Ao compartilhar esse projeto comigo, Talita mostrou mais que suas histórias e observações de mundo. Ela me levou a sair da superfície também e mergulhar em seus cadernos – onde tudo começou – e conferir a beleza da Praça da Alegria, das ruas de São Luís, sua casa, sua família, os amigos queridos (alguns dos recortes são dedicados a eles) e entender como sua literatura, seja em poesia, relato ou crônica, nada mais é que janela.

Você vai acabar o livro querendo ser – e já se sentindo – um pouco amigo platônico da Talita. Em *Recorte!* mais do que enxergar beleza na vida, aprendi a identificar um ipê. E descobri que ele tem cor de amizade cativada feito campo de trigo do Pequeno Príncipe. Porque, para discordar em parte de Saint-Exupéry, o essencial até pode ser visível aos olhos. Mas só é recortado pelo coração.

Meiri Farias, Jornalista e Editora do blog Armazém de Cultura.
www.armazemdecultura.wordpress.com
São Paulo, Primavera cinza de 2015.

Apresentação

Tudo começou meio por acaso, como por acaso começam algumas das melhores coisas da vida. Em uma troca de *e-mail* escrevi a um amigo sobre uma cena curiosa que havia vivenciado mais cedo, na rua, e a este tipo de comentário compartilhado através de uma escrita literária chamei “recorte” do dia. Conversa vai, conversa vem, adquirimos o hábito de trocar recortes por *e-mail* para alegrar o dia um do outro.

Uma menininha que me sorria na rua gratuitamente, um menino que fazia observações poéticas no ônibus, a criança que recostou em meu ombro em uma curva do ônibus e assim ficou confortavelmente, o lindo garoto negro com uma rosa branca entre as mãos... Tudo o que eu via e sentia por aí ganhava um corpo de letras ao fim do dia.

Do *e-mail* os recortes migraram para um caderno de capa vermelha escrito a mão, que ganhou continuidade em um caderno de capa amarela. Acumulados página após página, alguns ilustrados por mim mesma, meus recortes de cada dia vivido viraram exercício de apreensão sensorial da realidade. E me ensinaram a enxergar ao redor farejando vida, bebendo gestos, tateando intenções.

Com o passar do tempo, as pequenas cenas colhidas do cotidiano se misturaram às crônicas e a alguns pensamentos, observações, reflexões, dúvidas e constatações. Aos poucos, eu me transpunha para as páginas em um exercício de recortar a mim mesma, analisando como cada pedaço de mim sentia o mundo, elaborava a vida. E nesse sentido nem só as partes boas ganharam as páginas. Vieram-me então os tais *não-recortes*. Pedacos de vida que doíam e também conferiam sentido à existência. E era graças a eles que havia distinção entre o que merecia ir para o caderno e o que não merecia. Mas nesse ínterim, surgi-

Recorte!

ram cenas tristes que também não podiam ser ignoradas e por isso mereciam ser recortadas por serem comoventes, doerem a dor necessária ao alcance da lucidez e do discernimento sobre nosso lugar e papel no mundo. Por isso, o mesmo caderno que acolheu o menino com a flor ou o sorriso da criança, acolheu também o engraxate descalço. Porque foi, dentre as cenas mais simbólicas que já vi, o *não-recorte* que mais me marcou. E veio morar dentro de mim de tal forma que é impossível esquecer. Merece ser lembrado. Precisa ser lembrado.

Então como um livro vivo, o caderno de recortes foi mudando com o passar dos dias, meses e anos em que levou para ser preenchido. Nasceu com a missão poética de extrair beleza de cada dia, mas foi superado pela realidade. Ao acolher também lágrimas e dúvidas, aproximou-se mais da vida humana com suas dores e alegrias, dúvidas e certezas.

Porque ao compreender que nem só de alegria se alimenta a beleza, concebi sem exatamente planejar um registro de quem fui e do que vivi nos últimos anos.

Neste livro, cada leitor pode encontrar a mim entre os anos de 2010 e 2014 segundo uma seleção de textos que refletem momentos diferentes da minha forma de perceber e assimilar o mundo ao meu redor. Uma eu que talvez já não exista mais da mesma forma, mas que graças a esses recortes, permanece entre nós como memória da formação de uma vida que segue em construção.

Originalmente, meus cadernos de recortes não possuem divisão entre os tipos de texto. Até porque nos cadernos originais escritos a mão não há distinção de gênero. Um recorte segue ao outro à medida que a vida acontece e inspira a recortar. E nesse sentido também não há registro temporal. Não tenho o costume de datar o que escrevo, por isso quase não há registro de data nos textos.

Para esta edição, contudo, cabem algumas palavras sobre a organização dos textos: compreendem uma seleção extraída de dois cadernos escritos entre 2010 e 2013 (caderno vermelho) e 2014 (caderno amarelo). Portanto, vale notar que os textos encontram-se agrupados em tipos de recortes de acordo com a natureza literária dos escritos. Assim, de repente alguns recortes se descobriram crônicas enquanto outros se mostraram contos, alguns poemas e uns poucos pensamentos.

Deste modo, o livro está composto em dois momentos:

Do Caderno Vermelho de Recortes (2010 a 2013)

Do Caderno Amarelo de Recortes (2014)

Ambos divididos nas seguintes partes:

Parte I – Recorta-me! (Breves narrativas)

Parte II – Recortes em prosa (Crônicas)

Parte III – Recortes literários (Contos) – somente no Caderno Amarelo

Parte IV – Recortes em versos e pensamentos

Parte V – Os não-recortes

Em **Recorta-me!** mantive os recortes mais puros, classificados aqui como breves narrativas. Tratam-se dos textos que reproduzem cenas e diálogos presenciados em minhas andanças por São Luís-MA. São os primeiros escritos em seu formato mais puro do que entendo como recorte: o registro de um momento que fornece beleza gratuita e despreziosa. Que brota da realidade como um presente poético para sentidos atentos e me chegam como uma brisa que sopra ao ouvido “Vim te mostrar que a vida é linda. Recorta-me!”.

Recortes em prosa são memórias de infância e crônicas sobre cenas vividas e não raro reelaboradas por lentes afetivas. Neles conto sobre o que apreendi e proponho alguma reflexão sobre o que vivenciei. Sem a pretensão de acertar, mas com o profundo desejo de apreender os sentidos fornecidos pelo mundo a fim de formular algum entendimento.

Recortes literários são contos escritos para presentear pessoas queridas com palavras que abracem em gratidão a tudo o que me ensinam sobre beleza, respeito, amor e amizade.

Recortes em versos e pensamentos reúnem os escasos poemas que já escrevi na vida, além das frases-recortes. Os versos são de qualidade duvidosa, admito, mas gosto deles assim mesmo.

Por fim, **Os** – não menos importantes – **não-recortes**, abrigados neste caderno em parte para nos lembrar que *para haver um álbum de recortes é preciso que existam coisas que não mereçam ser recortadas e sobrem longe de nós*, mas também para não nos permitir esquecer os tantos avessos de recorte que andam por aí. E precisam da nossa atenção.

Ao fim, comento a experiência de compartilhar estes textos através de um livro.

Uma ótima leitura a todos que como eu aceitarem o convite para *viver-sentir*.

Talita Guimarães Santos Sousa